

# O lugar da narrativa no hipertexto jornalístico: uma análise do conceito de narrativa na webnotícia

Lia Seixas

Universidade Federal da Bahia

## Índice

1 Introdução	1
2 Objeto	2
3 Referencial teórico	3
4 As questões principais	6
5 Na configuração, a tese	9
6 Na balança das proporções	12
7 Links contextualizam	13
8 Pontos-chave	16
9 Bibliografia	16

## Resumo

Este artigo propõe abrir um debate sobre o conceito de ‘narrativa’ no jornalismo digital. Qualquer gênero de hipertexto do webjornalismo é tratado como ‘narrativa hipertextual’. O uso do termo é livre. Sugerimos reabrir um debate: podemos usar o conceito de narrativa para o hipertexto jornalístico, especialmente, para a webnotícia? Trabalhamos com a noção de Paul Ricoeur no respeitado ensaio fenomenológico “Tempo e narrativa” (Tomos 1 e 2). Submetemos à apreciação dos pesquisadores duas hipóteses: 1) a configuração, no discurso jornalístico, é dirigida pela tese da

notícia; 2) a narratividade do (hiper)texto é definida pela proporção combinada entre as dimensões episódica e configurante.

**Palavras-chave:** jornalismo, narrativa, mídia digital, webnotícia, gênero

## 1 Introdução

No campo da comunicação, existem diversas categorias com diferentes definições e sobre as quais não se tem consenso. No campo das novas mídias, qualquer estrutura hipertextual, mesmo os bancos de dados, são tratados como ‘narrativas hipertextuais’. Como alerta Lev Manovich, a palavra ‘narrativa’ tem sido usada, na área das novas mídias, como um termo todo inclusivo para descrever novos objetos, ainda estranhos a nós; e sendo associada ao termo ‘interatividade’ (Manovich: 2001: 228).

Mais especificamente, no campo do jornalismo digital, o conceito de narrativa é trabalhado para qualquer estrutura hipertextual, seja uma notícia, uma crônica ou um infográfico animado. O termo ‘narrativa hipertextual’ tem figurado em muitos trabalhos relacionados ao jornalismo digital, até mesmo naqueles que se detém sobre a estrutura e a

lógica dos hipertextos. A maioria das análises pega emprestado o conceito de ‘narrativa’ da teoria literária do hipertexto, do qual o principal referencial é George Landow. Não seria por isso que o termo foi apressadamente incorporado às pesquisas sobre o texto jornalístico digital?

Embora os pesquisadores tenham colocado luzes sobre a lógica do hipertexto jornalístico, mapeando características, quando se trata de nomeá-lo, muitas vezes, utiliza-se o termo ‘narrativa’. A Melinda McAdams (2002) chama a atenção para o fato de que a ‘narrativa online’ não recebe, no jornalismo, a mesma atenção prestada pelos estudos literários. No Manual de Redação Ciberperiodística, organizado por Javier Díaz Noci e Ramón Salavérrria, os trabalhos sobre o hipertexto e a notícia hipertextual, no entanto, tratam-nos, respectivamente, como escritura hipertextual e estrutura discursiva, mas não entram na questão do termo ‘narrativa’.

O propósito deste artigo é semear uma discussão sobre o uso do termo ‘narrativa’ para os produtos do jornalismo digital. Todo tipo de hipertexto jornalístico é uma narrativa? O que ‘configura’ (da tríplice mimese, configuração) uma narrativa? Quais são os elementos que pertencem a uma narrativa?

O artigo está dividido em duas grandes partes: 1<sup>a</sup>) onde são discutidos os parâmetros de definição da narrativa e 2<sup>a</sup>) em que relativizamos as funções dos links na configuração da ‘narrativa’ e sugerimos o papel de contextualização. A obra de referência teórica é o Tomo I do respeitado ensaio filosófico de Paul Ricoeur, “Tempo e Narrativa”. O objeto de aplicação da análise é a webnotícia brasileira e crônica espanhola<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Uma crônica espanhola é entendida no Brasil

## 2 Objeto

Nosso objeto são as webnotícias (algumas consideradas como crônica espanhola) sobre a morte do líder palestino Yasser Arafat no site [www.elmundo.es](http://www.elmundo.es), do El Mundo da Mundiinteractivos S.A.. São três os motivos: o primeiro, da escolha da ‘notícia’; o segundo, do acontecimento; e o terceiro, do veículo.

Do discurso jornalístico, o ‘tipo’ mais característico da finalidade de ‘relatar’ é a chamada notícia. A notícia é considerada o produto mais factual do jornalismo, seja impresso ou digital. Culpa do seu objeto: ações não-verbais e verbais. O discurso da notícia, que parte do resultado de ações, é aquele que, naturalmente, teria a maior potencialidade de ‘ser’ narrativo. Mas, de que forma, a sucessão de eventos é ‘configurada’ em notícia webjornalística? Os links do hipertexto revelariam algum tipo de ordem sintagmática?

A morte substantiva um dos fatos mais ‘narrativos’ por natureza. Contar quem morreu, como, quando, onde, coloca os elementos próprios de uma narrativa - agente, ação, motivos, fins, meios, circunstâncias – em foco. Os acontecimentos incluem o anúncio

como uma cobertura factual, em que o jornalista testemunha um acontecimento. Para a Espanha, a crônica permite que o jornalista transmita suas impressões: “(...) La crónica tiene su origen en los relatos cronológicos que toman como pauta el curso del tiempo. El periodismo lo há usado desde el principio como modelo de relato de un acontecimiento. La crónica firma el relato y participa en el acontecimiento que cuenta como testigo, también sus impresiones. No es un género de opinión, porque su función es informar, hacer saber lo que há pasado, pero el relato rezuma el talante del cronista.” (Gomiz: 2008: 163) Podemos, assim, trabalhar a organização discursiva da crônica espanhola como o fazemos para a notícia factual brasileira.

público do internamento até seu enterro, em 12 de novembro de 2004. Muitos dos eventos são constituídos de fatos que se dão em espaço e tempo definidos, ainda que muitos destes sejam ações verbais. Os fatos dizem respeito ao líder palestino que se tornou o símbolo da luta dos palestinos para a criação de um Estado independente. A morte, histórica, poderia levar a um cenário de guerra civil, ruptura, como crescimento do Hamas, ou até de continuidade, como se tem configurado hoje.

O [www.elmundo.es](http://www.elmundo.es) é o webjornal mais adequado ao suporte digital, que tem trabalhado com as potencialidades do veículo, seja hipertextualidade, multimídia, memória, interatividade ou personalização. Em 1999, quatro anos de fundado, o [elmundo.es](http://www.elmundo.es) teve o acesso de 5,7 milhões e, apenas no mês de novembro, quase um milhão e meio de visitantes, o que mostrava um crescimento média mensal de 10%<sup>2</sup>. No mês de abril de 2004, o veículo teve 34 milhões

<sup>2</sup> “Como representante de los medios convencionales en la Red *El Mundo* es el periódico español con productos más adecuados al soporte digital y con más originalidad. [aquí faz referência a um estudo de Díaz Noci e Meso Ayerdi] (...) A lo largo de 1999 la edición electrónica de *El Mundo* casi cuadruplicó el número de páginas que los internautas consultaron y se ha colocado a sólo 51.444 páginas del líder *El País* que ha experimentado un descenso de más de un 6%. Los 5,7 millones de accesos con los que *El Mundo* comenzó el año de 1999 se han convertido en 19,1 millones a finales de diciembre del mismo año, alcanzando en noviembre una cifra en torno al millón y medio de visitantes mensuales, lo que supone un crecimiento medio de casi un 10% mensual”. Machado, Elias. “La estructura de la noticia en las redes digitales (Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo) Tesis Doctoral na Universidad Autónoma de Barcelona, Facultad de Ciencias de la Comunicación, Departamento de Periodismo . Barcelona, 2000, pp. 13.

de visitas, com pouco mais de 10 milhões de *page-views*<sup>3</sup>. Hoje, é o produto webjornalístico que melhor trabalha com as potencialidades do hipertexto, compondo blocos que utilizam jornalisticamente a multimídia, a memória e a interatividade. Portanto, um objeto representativo para a análise da ‘narrativa’ jornalística.

Entre a internação anunciada publicamente e o enterro de Arafat percorreram nove dias. Para cada dia, o [elmundo.es](http://www.elmundo.es) divide em três edições, por turno (manhã, tarde, noite). Durante o período, foram realizadas 24 matérias principais, das quais 90% foram manchetes de suas edições (tabela em anexo). Destas, para a análise que segue, trabalhamos com os exemplos mais representativos quanto ao objeto da notícia, se fato, acontecimento ou estado – de entidade pública (Arafat) ou da realidade.

### 3 Referencial teórico

Começamos por um consenso: a narrativa é da ordem da forma discursiva. Nas palavras de Charaudeau, da dimensão comunicacional, do modo de dizer<sup>4</sup>. O modo de dizer é um dos níveis das condições de êxito do discurso. No espaço de estratégias (quando se dá a troca discursiva), haveria uma interdependência entre os espaços internos e externos ao discurso. Os níveis do ambiente externo seriam o situacional (da finalidade, identidade dos parceiros, circunstâncias, do-

<sup>3</sup> São dados da Oficina de Justificación de la Difusión (OJD). Disponível em [http://www.ojd.es/f\\_news.htm](http://www.ojd.es/f_news.htm). [consultado a 10 de novembro de 2004].

<sup>4</sup> Charaudeau, Patrick. Une analyse sémiolinguistique du discours. In: Langages, Paris Larousse, mars, 1995.

mínio do saber) e o discursivo (da legitimidade, credibilidade, captação), enquanto o comunicacional ('papéis linguageiros') estaria na dimensão da organização textual.

“- Le niveau du communicationnel, lieu où sont déterminées les *manières de parler* (écrire) en fonction des données du situationnel, en répondant à la question: “on est là por comment dire?”. Corrélativement, le sujet parlant (qu’il soit communiquant ou interprétant) se pose la question de savoir quels “rôles langagiers” il doit tenir qui justifient son “droit à la parole” (finalité), montrent son “identité”, et lui permettent de traiter d’un certain thème (propos) dans certaines circonstances (dipositif)” (Charaudeau: 1995: 102-103)

O sentido ordinário da palavra ‘narrativa’ destaca o ‘modo’:

“nar.ra.ti.va *sf* (*fem de narrativo*)  
1 *V* *narração*. 2 O modo de narrar. 3 Conto, história.”<sup>5</sup> (negrito nosso)

Para ‘narrar’: “contar uma história”.

“nar.rar *vtd* (*lat narrare*)  
1 Contar, expor as particularidades de um ou mais fatos; referir, relatar: *Todos narram o que viram. Narraram-me o que sucedera.* 2 Descrever, verbalmente ou por escrito; historiar: *Narrou Alexandre Herculano os fatos relativos ao estabelecimento da Inquisição.*”<sup>6</sup> (negrito nosso)

<sup>5</sup> Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Michaelis, disponível em <http://www2.uol.com.br/michaelis/>. [consultado a 05 de janeiro de 2008].

<sup>6</sup> Idem.

Contar seria o mesmo que relatar, como aparece no Michaelis? Na compreensão do analista do discurso, Charaudeau, relatar é uma das três finalidades possíveis do discurso jornalístico: relatar, comentar e provocar. Relatar é reportar, incluiria descrever, explicar e revelar o acontecimento construído mediaticamente. Para ele, seria uma visão constatativa do mundo<sup>7</sup>. A finalidade de relatar é da ordem dos direitos e deveres de uma prática social instituída. É relativa à questão “estamos aqui para dizer ou fazer o quê?”, posta não só para aquele que produz, como também para o que interpreta.

O ‘como dizer’ da narrativa, desde a Poética de Aristóteles inclui três traços básicos: 1) sucessão (temporal, inicialmente) de ações; 2) transformação de agentes e 3) intriga. No Dicionário de Análise do Discurso, organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, define-se a sucessão das ações como temporal, exige-se a transformação dos ‘actantes’<sup>8</sup> e uma intriga que dê sentido a essa sucessão de ações:

“(…) Reconhecendo que a narrativa é gradual (Adam, 1997), digamos que, para que haja narrativa, inicialmente é preciso a representa-

<sup>7</sup> “(...) Cela permettra de définir par exemple le *reportage* comme relevant du procede “événement rapporté”, l’*editorial* comme relevant de l’ “événement commenté”, le débat de l’ “événement provoqué” (voir ci-dessous)”. CHARAUDEAU, Patrick. Les conditions d’une typologie des genres télévisuels d’information, revue Réseaux n° 81, CNET, Paris Janvier-Février 1997. Disponível em <http://www.enssib.fr/autres-sites/reseaux-cnet/81/05-chara.pdf>. [consultado a 08 de janeiro de 2008].

<sup>8</sup> “actante – O termo actante serve para designar os diferentes participantes que estão implicados em uma ação e que têm nela um papel ativo ou passivo.” (Charaudeau e Maingueneau: 2004: 33).

ção de uma *sucessão temporal de ações*; em seguida, que uma *transformação* mais ou menos importante de *certas propriedades iniciais dos actantes* seja bem sucedida ou fracassada, enfim, é preciso que uma *elaboração da intriga* estructure e dê sentido a essa sucessão de ações e de eventos no tempo. (...) Antes de determinar o que se pode entender por *elaboração da intriga* é preciso retomar a útil distinção de Genette (1972, 1983) entre ato de *narração*, *história contada* e *textualização*.” (Charaudeau e Maingueneau: 2004: 140) (grifos dos autores)

A sucessão temporal há muito foi descartada da teoria da narrativa, entretanto, a concepção de sucessão de fatos é imprescindível. A transformação de actantes não é, para Ricoeur, um traço definidor, mas, indiretamente, faria parte, como veremos, da ‘trama conceitual’, em que as ações conjugam fins, nos quais implicam agentes, circunstâncias, interação e resultados. O termo intriga é o pivô: daria sentido à sucessão das ações e a uma possível conseqüente transformação dos personagens.

Na teoria estruturalista (também com base na Poética de Aristóteles) acredita-se que, para haver intriga, deve existir a ‘passagem de um equilíbrio a outro’:

“(…) Para distinguir agora várias classes de predicados, devemos olhar de mais perto a construção das narrativas. A intriga mínima completa consiste na *passagem de um equilíbrio a outro*. Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos”. (Todorov: 1979: 138) (grifo nosso)

Equilíbrio e desequilíbrio, no entanto, não são constituintes do conceito de intriga para a teoria fenomenológica de Ricoeur, embora os elementos ‘fortuna’ e ‘infortúnio’ conttenham alguma transformação. A intriga é, simplesmente, “a síntese do heterogêneo entre circunstâncias, intenções, interações, adversidade, fortuna e infortúnio” (Ricoeur: 1994: 274). No ensaio de Ricoeur, cujo objetivo é provar que o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo e que, em compensação, a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (Ricoeur: 1994: 15 e 85), a intriga é mediadora entre um estágio da experiência prática que a precede e um estágio que a sucede: “(…) Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado” (Ricoeur: 1994: 87). A partir das noções de *mimese* (como representação) e de *intriga* (agenciamento dos fatos), Ricoeur traça a concepção da tríplice mimese, cujo espiral seria formado pela prefiguração (*mimese I*), configuração (*mimese II*) e refiguração (*mimese III*). Para marcar o caráter dinâmico da função de mediação da tríplice mimese, Ricoeur adota o termo ‘tecer da intriga’. São três os motivos pelos quais a intriga é mediadora: 1) extrai de uma sucessão, uma configuração; 2) faz aparecer numa ordem sintagmática os componentes suscetíveis de figurar no quadro paradigmático estabelecido pela semântica da ação; e 3) reflete duas dimensões temporais, uma cronológica e outra não-cronológica, ou seja, a dimensão episódica e a dimensão configurante (Ricoeur: 1994: 102-106).

Antes de explicar como sugerimos aplicar estes motivos na análise da webnotícia, tra-

zemos os traços estruturais da mimese I fixados por Ricoeur. Entre a competência prévia (‘compreensão prática’) e a compreensão narrativa existe uma relação dupla: de pressuposição e de transformação.

“De um lado, qualquer narrativa pressupõe, da parte do narrador e de seu auditório, uma familiaridade com termos tais como agente, fim, meio, circunstâncias, socorro, hostilidade, cooperação, conflito, sucesso, fracasso, etc. (...)

De outro lado, a narrativa não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a trama conceitual da ação. Acrescenta a esta os traços discursivos que a distinguem de uma simples seqüência de frases de ação. (...) São traços sintáticos, cuja função é engendrar a composição das modalidades de discurso dignos de serem chamados de narrativos, quer se trate de narrativa histórica, quer de narrativa de ficção. (...) Enquanto pertencentes à ordem paradigmática, todos os termos relativos à ação são sincrônicos no sentido de que as relações de intersignificação que existem entre fins, meios, agentes, circunstâncias e o resto são perfeitamente reversíveis. Em compensação, a ordem sintagmática do discurso implica o caráter irreduzivelmente diacrônico de qualquer história narrada. Mesmo se essa diacronia não impede a leitura às avessas da narrativa, característica, como veremos, do ato de re-narrar, essa leitura que remonta do fim em direção ao começo da história não abole a diacronia fundamental da narrativa. (...)” (Ricoeur: 1994: 90)

A inteligibilidade da tessitura da intriga está na trama conceitual, em que se conjugam os elementos do discurso narrativo: ações, fins (ações implicam fins), motivos (explicam as ações), agentes (que fazem ou podem fazer), circunstâncias (em que agem),

interação (agir com os outros) e resultado da ação (mudança de felicidade ou infortúnio). O que significa dizer que a intriga tem um encadeamento de ações, naturalmente, envolvidas por todos os outros elementos. Estes devem, portanto, ser do conhecimento intersubjetivo dos interlocutores e devem estar organizados segundo traços sintáticos que componham discursos narrativos.

É consenso que o objeto do jornalismo inclui ações, fins, motivos, agentes, circunstâncias, interação e/ou resultado da ação. Entretanto, é exatamente por isso que se confunde a notícia (tipo de texto) com narrativa. A questão não são os elementos, mas sim a ‘configuração’ dada, pelo discurso, a este elementos. Quando a notícia é factual, o foco está no resultado de uma ação. Quando é notícia é acontecimento (mais amplo de uma dada realidade), o foco está nas circunstâncias e nos motivos.

#### 4 As questões principais

Considerando o discurso jornalístico como um ato de configuração, mediador de uma prefiguração e de uma refiguração, podemos dizer que a webnotícia se trata de uma ‘tessitura’ de intriga? Então: 1) extrai de uma sucessão de eventos, uma configuração? 2) faz aparecer numa ordem sintagmática os componentes suscetíveis de figurar no quadro paradigmático estabelecido pela semântica da ação? e 3) reflete em variadas proporções duas dimensões temporais, uma cronológica e outra não-cronológica, ou seja, a dimensão episódica e a dimensão configurante?

O segundo motivo não nos ajuda a demarcar o conceito de intriga por que trata de uma lei das duas ordens, a sintagmática e a paradigmática. Afirma-se que os traços sin-

táticos engendram a composição das modalidades, entretanto, não é objetivo explorar os tipos de modalidades do discurso narrativo. Destaca-se que os traços sintáticos distinguem a narrativa de uma simples seqüência de frases de ação. Seqüência esta que está diretamente ligada à sucessão de eventos. Da sucessão, na narrativa, se extrairia uma configuração. Isso ocorre na webnotícia?

Nossa hipótese 1: embora a webnotícia contenha uma sucessão de frases de ação (verbais e não-verbais), não acreditamos que se extraia desta uma configuração. A configuração, no discurso jornalístico da webnotícia, está orientada pela tese da notícia. Daí porque, tanto o título quanto o primeiro parágrafo, devem conter a asserção-tese da matéria. Mesmo se considerarmos evento igual a fato, o encadeamento dos fatos não gera uma configuração e sim, é organizado hierarquicamente segundo sua força argumentativa. Quanto mais força argumentativa tem o fato, mais destacado estará. Nesse sentido, observaremos também se os blocos secundários da webnotícia constituem ‘eventos’ secundários na argumentação da tese-notícia.

A hipótese 2 é: a proporção da dimensão episódica e da dimensão configurante no ‘tecer’ é que dá a medida da narratividade do texto. Por exemplo, quando a notícia é um fato, a dimensão episódica não estaria em proporção de 90% em relação a 10% da configurante? Se o fato é a notícia, o episódico vai dominar a matéria. Em outras palavras, a configuração parece ser dirigida pelo resultado de apenas um fato. um excelente exemplo é o texto que anuncia a morte de Yasser Arafat: “Muere el líder palestino Yasser Arafat”<sup>9</sup>. Haveria, então, a opção 100%

<sup>9</sup> O primeiro parágrafo está disponível em

dimensão episódica? Há, mas, nesse caso, deixa de ser narrativa. Exemplo: uma lista de episódios da vida de um homem público (do nosso objeto de análise, o texto intitulado “Los momentos clave de la vida de Arafat”<sup>10</sup>). E 100% de dimensão configurante... Deixa de ser narrativa da mesma forma. Um exemplo seria uma poesia concreta de Augusto de Campos, sem episódios. Na webnotícia, a foto de Arafat em “Muere el líder palestino Yasser Arafat”<sup>11</sup> apenas ilustra o líder. Não se pode considerá-la uma narrativa em si, mas parte do hipertexto.

O termo hipertexto, criado por Theodor Nelson em 1965, é uma ‘escritura não sequencial’ com blocos de textos conectados por nexos que formam diferentes itinerários. Em 1992, George Landow, pesquisador de literatura hipertextual e professor de literatura inglesa na Brown University, desenvolveu a definição seguida hoje por todos os autores que trabalham com os meios digitais, desde a área literária das novas mídias (Landow), da arquitetura da informação e do design (Mark Meadows), das preocupações com usabilidade (Jakob Nielsen) ao jornalismo digital (Melinda McAdams, Marie-Laure Ryan, Nora Paul, Carole Rich, Díaz Noci, Ramón Salaverría):

“(...) El hipertexto, término que seguiremos utilizando esta obra, implica un texto compu-

<http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/11/internacional/1100146557.html> [consultado a 05 de janeiro de 2008].

<sup>10</sup> Disponível em [http://www.elmundo.es/especial/s/2004/11/internacional/orienteproximo/protagonistas/arafat/fechas\\_clave.html](http://www.elmundo.es/especial/s/2004/11/internacional/orienteproximo/protagonistas/arafat/fechas_clave.html) [consultado a 05 de janeiro de 2008].

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/11/internacional/1100146557.html> [consultado a 05 de janeiro de 2008].

esto de fragmentos de texto – lo que Barthes denomina *lexias* – y los nexos electrónicos que los conectan entre sí. La expresión *hipermedia* simplemente extiende la noción de texto hipertextual al incluir información visual, sonora, animación y otras formas de información. (...) Con *hipertexto*, pues, me referiré a un medio informático que relaciona información tanto verbal como no verbal. Los nexos electrónicos unen *lexias* tanto “externas” a una obra, por ejemplo un comentario de ésta por otro autor, o textos paralelos o comparativos, como internas y así crean un texto que el lector experimenta como no lineal o, mejor dicho, como multilíneo o multisequencial. (...)” (Landow: 1996: 15-16)

Os dois principais aspectos do conceito de hipertexto são a multilinearidade e a multimedialidade. A possibilidade de conectar texto, imagem estática e em movimento, áudio e animações, embora mude a textura do hipertexto, não é uma característica que altere o conceito de narrativa, para o qual importa se há o ‘tecer da intriga’. Como diz Meadows, a imagem pode ser construída como um texto, com um fio condutor da história:

“It’s natural that interactive narrative includes imagery. Narration is not limited to text. Narration originated in speech and has been neatly transferred to text, but text is a close cousin of image, and an image can be a kind of “non-verbal text” (...) The relationship between text and image now ranges from complementary to competitive. Magazines, television, the Internet, newspapers, dashboards, money, clocks, comics, packaging, advertising, clothing, maps, games, and even the email that we send frequently offer examples of text and image, set next to one another.” (Meadows: 2003 :33)

Já multilinearidade é uma característica que altera o conceito de narrativa porque é relativa a sequência. O hipertexto não tem um fechamento como tem um texto unilíneo (Palácios, 1999) tradicional, mas, sim, devido aos nexos eletrônicos, a potencialidade de múltiplas sequências. Embora o ‘autor’ possa limitar e orientar percursos possíveis, a construção de uma determinada linearidade depende também do ‘leitor’. A multilinearidade coloca em cheque a sucessão dos episódios de que fala Ricoeur. O hipertexto questiona a sequência, a idéia de unidade, portanto, as noções de história e trama:

“(…) Así, el hipertexto cuestiona 1 la secuencia fija, 2 un principio y un fin determinados, 3 “cierta magnitud definida” de la historia, y 4 la noción de unidad o totalidad asociada a dichos conceptos” (Landow: 1995: 132)

Para quatro questões, Landow oferece duas respostas: 1<sup>a</sup>) o ‘seguimento’ (extraído de Ricoeur) da história garante a compreensão do ponto de vista, não importando a sequência seguida; e 2<sup>a</sup>) os leitores constroem uma sucessão temporal e escolhem a caracterização<sup>12</sup>. A ausência de linearidade não destrói a narrativa, já que os leitores constroem suas próprias estruturas, sequências e significados. Landow ressalta que faz tempo escritores e leitores aprenderam a conviver com um final aberto ‘muito melhor do que sugerem os debates sobre a narrativa’.

<sup>12</sup> “(…) En una narración en hipertexto, es el autor quien proporciona múltiples posibilidades, con las que los lectores construyen una sucesión temporal y escogen la caracterización – aunque seguro que los lectores lo harán como siempre hacemos en la vida real: basándonos en una información adecuada o incluso completamente errónea”. (Landow: 1995:147).

Nós concordamos que a multilinearidade não destrói a narrativa apenas pela potencialidade intrínseca e que o leitor (re)constrói, como sempre o fez, uma sucessão temporal. No entanto, as possíveis sequências previstas pelo autor devem garantir uma tessitura de intriga. Deve ser factível para o leitor, qualquer que seja sua trajetória, ‘fabricar o todo’ a partir da configuração extraída de uma sucessão de episódios.

No hipertexto, as sequências, as ligações do ‘tecer da intriga’ são operadas pelo link. Os nexos (nós) eletrônicos, em princípio, marcam a estrutura discursiva hipertextual. Se a estrutura é narrativa, os links devem dar pistas sobre a ‘configuração’ extraída de uma sucessão de ações ou episódios. Um nexo eletrônico é responsável pela relação entre dois blocos de textos, considerados ‘fragmentos’ de textos. A atividade de leitura determinaria qual bloco é, no momento, o principal. As funções da ordem sintagmática destes nexos, portanto, devem expor o tipo de junção e o lugar das lexias na configuração da narrativa.

Hipótese 3: Na webnotícia, há uma linearidade principal explícita. Qualquer outra potencial linearidade deixa exposto para o leitor qual é o bloco principal e quais os secundários da webnotícia. No percurso, a programação hierárquica dos blocos fica clara. Tanto o bloco principal como os blocos secundários são determinados pela notícia, sua tese e sua atualidade diante do contexto situacional. A principal função dos links é contextualizar. Os blocos secundários, em geral, explicam o contexto situacional mais amplo, o contexto sociocultural (histórico) ou conectam a outros blocos que apresentam outras notícias do mesmo contexto situacional, que por estarem relacionadas, de alguma

forma, tornam a notícia do bloco principal melhor compreensível.

## 5 Na configuração, a tese

Na notícia jornalística, seja do webjornalismo ou impressa, embora exista uma sucessão de fatos, o movimento do discurso é de determinar ‘uma’ configuração. A pluralidade de fatos é, desde o título, sintetizada em uma tese. Não há passagem de equilíbrio a desequilíbrio ou vice-versa. O equilíbrio ou desequilíbrio aparece interpretado na tese, materialmente no título e no primeiro parágrafo. Se a intriga é a síntese do heterogêneo e a notícia é uma síntese, então a intriga estaria configurada no título e, obviamente, no primeiro parágrafo, na abertura da webnotícia (produto). De alguma forma, a arte do texto jornalístico sempre esteve em restringir, ao máximo, os sentidos no momento de interpretação da leitura (‘refiguração’).

Sem entrar no mérito da pirâmide invertida<sup>13</sup>, a notícia jornalística ou webjornalística é a conclusão interpretada pelo jornalista. A lógica deste discurso responde à necessidade de argumentar, com ações não-verbais e verbais, esta conclusão. O encaideamento das frases de ação (marcadas pelo verbo de fazer ou de dizer) está submetido a uma lógica interpretativa, cuja organização

<sup>13</sup> É interessante informar aqui que no Congresso Iberoamericano de Jornalismo Digital, realizado em novembro de 2004 na Universidade de Santiago de Compostela, houve manifestações a favor e contra o modelo da pirâmide invertida no webjornalismo. O professor Rosental Alves criou o Partido Pró Pirâmide Invertida (PPI) e, em contrapartida, Ramón Salavérria lançou o Partido de la Redacción Ciberperiodística (PRC).

textual (as marcas do discurso), empenhada em reafirmar a finalidade de ‘relatar’, estrategicamente, encadeia fatos segundo sua capacidade argumentativa para comprovar a tese-notícia.

É por isso que, na webnotícia, a assinatura, a citação do nome do jornalista ou a descrição do lugar ou circunstâncias reforça a crença, do senso comum, de que a atividade jornalística é especular e trata apenas de fatos<sup>14</sup>. O primeiro parágrafo do bloco principal da webnotícia intitulada “Los palestinos entierran a Arafat em la Muqata em médio del caos” (edição da tarde do dia 12 de novembro de 2004), é revelador:

“RAMALA/EL CAIRO.- El cadáver de **Yasir Arafat** ha sido enterrado en la **Muqata** de Ramala. El caos *se adueñó* del recinto desde la llegada del helicóptero con los restos del ‘rais’ hasta que éstos recibieron sepultura, informa Javier Espinosa [correspondente em Muqata].”<sup>15</sup>

<sup>14</sup> “(...) A idéia de relato da realidade é refém da concepção de que o jornalismo trata apenas de fatos. Entretanto, o jornalismo, enquanto saber da atualidade, trabalha com processos em continuidade e ocorrências futuras possíveis, prováveis ou previstas (como será visto na terceira parte). A realidade inclui também aquilo que é inverificável, como ‘verdades’ e intenções de ações verbais. Tanto as regras do campo político, como normas e acontecimentos previsíveis são objetos do discurso jornalístico, objetos dos atos verbais jornalísticos. (...)” Seixas, Lia. Os atos verbais jornalísticos. Um estudo dos ‘fazeres’ jornalísticos por editoriais de política. Dissertação submetida em satisfação parcial dos requisitos ao grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador, junho de 2000, pp. 54.

<sup>15</sup> Todo grifo itálico nos textos é nosso. As matérias mais importantes estarão em anexo para facilitar a leitura. Disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/12/interna>

O nome do correspondente aparece no final do parágrafo para: 1) dar a responsabilidade ao jornalista-correspondente; e, mais importante, 2) para afixá-lo como jornalista-narrador-participante, presente no enterro. No quinto parágrafo, quando o Javier Espinosa descreve uma sensação, essa crença é ainda mais reforçada:

“Desde la cuarta planta de un edificio en construcción frente al recinto, la *sensación era escalofriante*: miles de palestinos consiguieron entrar en el que fuera cuartel general de Arafat. *Tumbaron* las alambradas que había sobre el muro de cemento, *se extendieron* por todo el complejo y *rodearon* la tumba.”

A sensação sufocante, sentida pelo jornalista, procura reportar o leitor para o momento (tempo-espaço) do acontecimento noticiável. Reforça a idéia de que a realidade noticiável é observável. Sim, o é, mas só em relação a uma variedade de fatos. A sensação descrita, na verdade, funciona como argumento para a tese-notícia: o enterro foi um caos.

Essa dinâmica aproxima-se do procedimento explicativo do historiador, ao qual Ricoeur dá o nome de ‘imputação causal singular’. A construção probabilística, em que o historiador pode exercer o juízo de imputação causal, que decide o significado histórico do acontecimento, oferece uma dupla afinidade com a armação da intriga e a explicação segundo leis. Defende, depois de argumentar, a aplicação análoga da noção de intriga às imputações causais singulares, onde ‘singular’ está na dimensão do ponto de vista, guiado pela lei das probabilidades, do historiador:

[cional/1100257106.html](http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/12/interna/1100257106.html) [consultado em 05 de janeiro de 2008].

“(…) E, contudo, a filiação, cujas etapas acabamos de reconstruir por uma leitura livre do texto de Max Weber e com o concurso da *Introdução à filosofia da história* de Raymond Aron, autoriza-nos a aplicar *analogicamente* a noção de intriga a todas as imputações causais singulares. É, na minha opinião, o que justifica o emprego do termo intriga por Paul Veyne, designando por isso todas as configurações singulares que satisfazem ao critério da armação da intriga que, da minha parte, propus: a saber, a síntese do heterogêneo entre circunstâncias, intenções, interações, adversidade, fortuna ou infortúnio. Contudo, para permanecer coerente com meu argumento da relação *indireta* da explicação histórica com a estrutura da narrativa, falarei de *quase-intriga*, para marcar o caráter *analógico* da extensão da imputação causal singular, a partir de seu exemplo *princeps*, a implicação causal dos resultados de uma decisão individual”. (Ricoeur: 1994: 274)

O caos que marcou o enterro – que poderíamos definir como um desequilíbrio – é o ponto de vista de uma síntese entre fatos, circunstâncias, interações, adversidades. No decorrer do bloco principal, os fatos são encadeados, por parágrafos. Cada parágrafo do bloco principal - que tem 17 – contém, no máximo, dois fatos (verbais e ou não-verbais). Os fatos, de fato (sem trocadilhos), são apenas encadeados. Entretanto, a escolha deste encadeamento segue a hierarquia da força argumentativa para a tese-notícia. Não há marcas sintáticas argumentativas, exceto alguns ‘devido’ (causa), a exemplo do segundo parágrafo:

“*Debido* a la multitud que acudió a la Muqata fue imposible exponer el cadáver para que la población desfilara delante de él. Los clérigos musulmanes tomaron rápidamente el fé-

retro a su llegada al recinto, rezaron los versículos sagrados e, instados por la población, se lo llevaron a su lugar de reposo.”

O fato acima citado – “exponer el cadáver para que la población desfilara delante de él” – não ocorreu, mas está no segundo parágrafo. Na interpretação jornalística, era um procedimento esperado no enterro de um líder popular. Foi explicada a causa de não ter se realizado. Os três fatos que se seguem, no segundo período, constituem a situação de caos do enterro, justificando-a.

O quarto parágrafo reforça uma idéia que já sabíamos: não há sequência temporal na lógica da notícia webjornalística, mas, sim, a hierárquica:

“*Antes*, los efectivos de la seguridad palestina trasladaron el féretro desde el helicóptero en el que llegó de Egipto hasta un vehículo funerario, que *difícilmente consiguió abrirse* paso entre un mar de personas. Los funerales *sucumbieron al desorden* debido a la muchedumbre que se concentró para dar su último adiós al presidente.”

Se pudermos considerar que a dinâmica de configuração da síntese do heterogêneo já no título da webnotícia ainda seria de uma narrativa, pois os fatos são sucedidos sem marcas argumentativas, então o termo ‘narrativa hipertextual’ é genuinamente aplicado. Mas, se para haver narrativa a configuração deve ser operada no ato de leitura, então a webnotícia não pode ser considerada uma narrativa. O quesito sucessão de episódios dá a webnotícia o status de narrativa, entretanto, a relação entre configuração e sucessão não é de simples ‘extração’ pelos fatos, além do que, como veremos em seguida, as proporções da dimensão episódica e configurante podem não gerar uma intriga.

## 6 Na balança das proporções

A webnotícia que trabalhamos acima tem 13 links, 2 intratextuais (“Yasir Arafat” e “Muqata”) - que aparecem dentro do texto, a partir de uma expressão ou palavra âncora - e 11 intertextuais - que estão fora do texto em quadro de Mais notícias ou relacionadas -, dentre os quais “Fechas clave de su vida”<sup>16</sup>. Esse link leva o internauta para o especial “Oriente Próximo: seis décadas en guerra”, seção “Protagonistas”. O conteúdo traz os fatos marcantes da vida do líder palestino, organizados por ordem cronológica. Para cada data, de um a três fatos. A sucessão dos fatos, portanto, é estritamente cronológica, ou seja, tem 100% de proporção da dimensão episódica. Seria uma narrativa jornalística? E a relação que o link marca com o bloco principal, compõe alguma função sintática de discurso narrativo?

Em 1929 nasce Arafat, em 1965 o Fatah começa seus ataques contra Israel, em 1969 Arafat é eleito chefe da OLP, em 1990 Arafat apóia a invasão ao Iraque, etc. São fatos sem relação entre eles, a não ser que dizem respeito a uma mesma pessoa. Não há nenhuma síntese de todo esse heterogêneo. Portanto, não há intriga, mas, não faria parte de intriga

<sup>16</sup> Os links intertextuais estão divididos em 3 blocos: *Además* – “Mónica G. Pitero, desde Jerusalén: ‘Israel impide llorar a Arafat en la mesquita de Al Aqsa’”, “Bush, comprometido co la creación de um estado palestino”, “La vida/El dolor palestino/ El funeral/ El entierro” (com ícone que indica serem fotografias) e “Fechas clave de su vida/ Lãs caras Del ‘rais’”; *informaciones anteriores* – “Desde la Espana: ‘Nuestro pueblo no quedará huerfanno’” e “Escenarios para la era post-Arafat”; e *noticias relacionadas* (link de memória). Disponível em [http://www.elmundo.es/especiales/2004/11/internacional/orienteproximo/protagonistas/arafat/fechas\\_clave.html](http://www.elmundo.es/especiales/2004/11/internacional/orienteproximo/protagonistas/arafat/fechas_clave.html). [consultado a 05 janeiro de 2008]

com o bloco principal? O conteúdo lista episódios importantes para a vida do ‘personagem principal’, explora um elemento da síntese do heterogêneo. Por isso, poderíamos dizer que faz parte da síntese? Não tem ‘função sintática’ em relação ao caos do enterro. Não se trata de conteúdo explicativo, exemplificativo, ilustrativo do caos. É um ‘además’. Não integra, também, a dimensão episódica da webnotícia, nem faz parte da configurante, exceto porque reforça a concepção de ‘líder do povo palestino’.

E se a notícia constitui-se num fato, apenas? “Muere el líder palestino Yassir Arafat”, 11 de novembro de 2004, edição da manhã. Como se comportam as dimensões episódica e configurante? Se concordarmos que o discurso jornalístico da notícia procura limitar a re-configuração do leitor, ou seja, interferir na dimensão configurante com uma asserção (marcada no título) sobre a realidade, então, podemos afirmar que, nesse caso, a configuração (não a ‘refiguração’, importante destacar) se reduz a apenas um fato, a morte de Arafat.

Em ordem hierárquica, os verbos e expressões verbais do texto são: “há muerto”, “será trasladado”, “sustituye”, “bloquea”, “irá a rendir”, “abandonará”, “afirmó”, “había confirmado”, “había sido”, “tendrá lugar”, “serán conducidos”, “encabeza”, “han anunciado”, “afirmo”, “fue”, “insisten” e “dijo” (até o primeiro intertítulo). Existem apenas três fatos, de ações não verbais: Arafat morreu, ingressou no hospital de Percy dia 29 de outubro e o primeiro ministro Moratinos foi enviado especial da UE para Oriente Próximo. São 6 ações verbais e 5 previsões – acontecimento anunciado como ocorrência

futura certa<sup>17</sup>. Os eventos ligados à morte são as ações verbais do comunicado oficial do hospital, do presidente da França e do secretário da presidência palestina.

Podemos considerar que os episódios são as ações verbais cujo conteúdo é a morte – momento e causa. Os outros episódios estão no estrato do mesmo momento em que se deu a morte. A síntese de todo o heterogêneo é a afirmação “morreu Arafat”. Além de existirem, nesta webnotícia, poucos episódios, apenas 2 comporiam esta síntese. Será que podemos dizer que é uma narrativa? Considerando o que seria a intriga, a dimensão episódica se limita a duas ações verbais. Os links intra e intertextuais levam para conteúdos sobre o contexto situacional mais amplo e o contexto sociocultural, do que tratamos a seguir.

## 7 Links contextualizam

Nos estudos do jornalismo digital, os links são trabalhados segundo sua funcionalidade para a navegação (Nielsen) e para a estrutura formal, com regras para seu uso adequado (McAdams) ou segundo aspectos técnicos (Leão). A partir dos conceitos de superestrutura e macroestrutura de Van Dijk,

<sup>17</sup> “A *previsão* dá ao acontecimento anunciado a força de ocorrência com momento futuro determinado para se realizar, mesmo que o acontecimento não tenha essa força. É o mesmo que dizer que ação futura de uma promessa ocorrerá, enquanto que a ação realizada tenha sido apenas a ‘promessa’. É uma reconstrução da atualidade capaz de influir num devir muito próximo.” Seixas, Lia. Os atos verbais jornalísticos. Um estudo dos ‘fazeres’ jornalísticos por editorias de política. Dissertação submetida em satisfação parcial dos requisitos ao grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador, junho de 2000.

Martin Engebretsen defende o papel central da ‘coerência cognitiva’ na constituição do hipertexto jornalístico. A coerência hipertextual, além de limitar o uso potencial das multirelações do hipertexto, tem uma importância maior do que a coerência textual<sup>18</sup>.

Potencialmente, a tecnologia permite ao hipertexto ligar-se a produtos de fontes externas, a blocos não verbais, a outros gêneros, além de fragmentar internamente o bloco principal. Mas, em que medida se cria links? Pra quais funções na webnotícia? Na recente tese de Luciana Mielniczuk, ex-componente do Grupo de Jornalismo Online da Facom e sexto autor mais citado nos trabalhos brasileiros sobre jornalismo digital, há uma sugestão de tipologia dos links da estrutura da notícia. No Brasil, a primeira contribuição para a compreensão das funções do link na composição da webnotícia (Mielniczuk: 2003, Cap. 4), com a qual trabalhamos aqui.

Mielniczuk divide os links em três grupos: relativos à navegação do produto (conjuntivo e disjuntivo); ao universo de abrangência do link (intratextuais e intertextuais) e ao tipo de informação (editorial, serviços e publicitário). Os editoriais seriam aqueles pertencentes ao ‘conteúdo informativo’ do site com função de organizar o webjornal ou de integrar a ‘narrativa do fato jornalístico’. Os ‘narrativos’ são:

- Acontecimento: diz respeito aos principais acontecimentos do fato noticiado.
- Detalhamento: apresenta detalhes sobre o acontecimento; podem ser dados depoimentos ou explicações de especialistas;

<sup>18</sup> Engebretsen, Martin. Hypernews and Coherence. Disponível em <http://journals.tdl.org/jodi/article/view/jodi-26/27>. [consultado em 05 de janeiro de 2008].

- Oposição: quando for o caso, apresentar argumentos de entrevistados ou mesmo dados que contestem informações de fontes oficiais ou fontes primárias ouvidas.
- Exemplificação ou particularização: ilustra ou explica o acontecimento com exemplos ou casos particulares, apresentando personagens ou casos semelhantes.
- Complementação ou ilustração: oferece dados complementares que possam auxiliar na apresentação e compreensão do acontecimento.
- Memória: oferece *links* que remetem ao arquivo de material já disponibilizado sobre o mesmo assunto ou assuntos correlatos.” (Mielniczuk: 2003, Cap. 4)

A partir da concepção de narrativa de Ricoeur, acreditamos que os links seriam pontos nevrálgicos da ordem sintagmática. Relacionariam os elementos da intriga – ações, fins, agentes, circunstâncias e resultados – sincronizando-os numa dimensão configurante. Apontariam para a síntese do heterogêneo, marcada no título (tema) da notícia. Analisando as definições acima, entretanto, os links parecem marcar uma estrutura argumentativa – principalmente, os links de oposição, exemplificação e complementação. O link memória, pela denominação, está na ordem da organização do webjornal e não da estrutura ‘narrativa’. Já o link acontecimento é o que mais se aproximaria da sucessão de episódios.

Independente dos termos acontecimento e fato, o link de acontecimento remeteria a eventos que fazem parte da intriga ou que giram em torno da intriga. Na pequena análise das webnotícias relativas ao período entre a doença e a morte de Arafat, os links, em sua maioria, tanto intratextuais, quanto intertextuais, são aprofundamentos de ele-

mentos componentes do heterogêneo (agentes, principalmente) que formam a intriga do bloco principal ou contextualização da situação que envolve a notícia (seja contexto situacional imediato, situacional mais amplo ou sociocultural<sup>19</sup>). O aprofundamento sobre a vida política de personagens (na matéria “Arafat, substituído al frente de la OLP y la ANP a las horas de morir”<sup>20</sup>, dia 11/11/05, última atualização em 15h38: *Yasir Arafat; Mahmud Abbas, Ahmed Qureia*) são textos ‘históricos’, atemporais, enquanto o aprofundamento sobre fatos que são causas ou consequências da notícia (*morrir, abandonar e riendas del gobierno*) são matérias recém publicadas – estão na dimensão do contexto situacional mais amplo, já que envolvem acontecimentos relacionados. Estes, poderíamos dizer, são o chamado link de acontecimento. “Morrir” leva à notícia atualizada duas horas antes do bloco principal, “abandonarán” para matéria de uma hora antes e “riendas del gobierno” para matéria do dia anterior, 20h39. Entretanto, não relacionam ao bloco principal - sobre substituição de Arafat na OLP e na ANP – eventos (episódios) constituintes da notícia principal (de tal síntese do heterogêneo), exceto a morte, causa da substituição.

Nas 30 webnotícias estudadas, as lexias às quais remetem os links (intra e intertextuais) não têm, em sua maioria, conteúdo para

<sup>19</sup> Entendemos que os contextos podem ser pensados como dimensões, principalmente, temporais das relações de outros acontecimentos com o acontecimento central. Pinto, Milton José. Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos. São Paulo, Haker Editores, 1999.

<sup>20</sup> Disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/11/internacional/1100168705.html> [consultado em 05 de janeiro de 2008].

compor a tese-notícia. Não são imprescindíveis para a dimensão configurante fortemente orientada pelo título do bloco principal da webnotícia. Como na matéria “Yasir Arafat, em estado crítico”<sup>21</sup>, de 04 de novembro de 2004, quando o estado de doença do líder é publicizado. A síntese é sobre um dado de realidade, o estado de saúde do ‘personagem’. O adjetivo ‘crítico’ procura dar a dimensão de uma situação que prenunciava a morte, mas que não se realizara, ou, no mínimo, não se podia afirmar. A base do bloco principal são ações verbais: da delegada da ANP em Paris, do hospital, do primeiro ministro palestino, do exército francês (que cercava o hospital), do primeiro ministro de Luxemburgo, do presidente dos EUA, de fontes do serviço de segurança palestino, de “uma” fonte médica francesa, de especialistas. Estas ações, sequenciadas, fazem o papel argumentativo para a notícia.

Os blocos secundários, no entanto, não compõem a síntese, no máximo, como possíveis consequências. A matéria tem 2 links intratextuais e 4 links intertextuais. O link intratextual “Yasir Arafat” conecta ao especial “Oriente Próximo: seis décadas em guerra”, cujo texto explora as características físicas e psicológicas do líder, ou seja, como uma descrição de um ‘personagem’. “En estado de alerta” linka para matéria do turno anterior sobre o estado de alerta em que estavam os serviços de segurança palestinos. Também, uma consequência do estado de saúde que se agravava ante o dia anterior.

Os intertextuais estão sempre num quadro à direita do texto principal, dispostos em dois

<sup>21</sup> Disponível em <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/04/internacional/1099586097.html>. [consultado em 05 de janeiro de 2008].

outros quadros: “Además” e “Notícias Relacionadas”; e, quando são externos, ou seja, linkam para outros sites, ficam abaixo da rubrica “Links externos” (artigos, crônicas de outras fontes, cujas opiniões o veículo não se responsabiliza). Da matéria acima, os intertextuais do “Además” são: “Las fechas clave de su vida política” (já analisado), com uma lista dos fatos importantes da vida do líder; “Los posibles sucesores del raís”, em que se apresenta nomes de possíveis sucessores de Arafat, segundo ‘analistas internacionais’; “El ex primer ministro Barak quiere regresar al ruedo político”, sobre a intenção de Barak de voltar ao Partido Laborista; e “Especial: Oriente Próximo”, sobre os conflitos, os personagens, o processo de paz, os países envolvidos. O que dizem em relação ao estado de saúde de Arafat no dia 04 de novembro de 2004? Os blocos secundários tratam de consequência dada – estado de alerta das forças de segurança - e possível – cinco possíveis sucessores de Arafat; e dos contextos: situacional – Barak quer voltar para a vida política – e sociocultural amplo – datas da vida de Arafat, história do Oriente Próximo. O conteúdo mais próximo da intriga é a descrição do personagem principal. Se a síntese do heterogêneo, criada pelo título e abertura da notícia, não tiver um papel na dimensão configurante, como se delimitaria a intriga? Estaria na realidade? Se assim for, qualquer texto que trate da realidade é uma narrativa.

A navegação das webnotícias analisadas também mostra explicitamente a linearidade sugerida pelo bloco principal. Apenas o bloco principal é composto de links intratextuais. Somente se o bloco secundário da matéria for uma outra matéria já publicada se encontra neste links intratextuais. As pági-

nas dos blocos secundários apresentam apenas o link de Notícias Relacionadas ou algum externo, quando há <sup>22</sup>. Em 95% das notícias, no quadro “Además”, aparecem os links intertextuais sobre o contexto sociocultural mais amplo: “Los momentos claves de la vida de Arafat” e “Especial: Oriente Próximo”. Quando o personagem principal é Arafat, 85% das vezes, aparece o link intratextual para texto descritivo sobre o líder.

## 8 Pontos-chave

Se pudermos dizer que a síntese em que se constitui a notícia molda a intriga, então há um argumento para considerá-la como narrativa. Ricoeur defende, como os ‘narrativistas’, que narrar já é explicar. Explicar, no entanto, nem sempre, é narrar. Como vimos, na webnotícia, embora a lógica seja causal, não há marcas explícitas e sim uma sucessão de fatos (ações verbais e não-verbais). Sucessão, entretanto, hierárquica segundo importância ‘argumentativa’ para a notícia.

Talvez devamos falar em níveis narrativos para os tipos de textos jornalísticos. Um editorial, por exemplo, tem um baixíssimo nível de narratividade, não se segue com sucessão de fatos, mas sim com marcas sintáticas argumentativas. Uma lista de episódios (do banco de dados) por ordem cronológica não tem dimensão configurante, não há síntese do heterogêneo. A narratividade do texto é definida pela proporção combinada entre as dimensões episódica e configurante

Na webnotícia, os links não marcam a ordem sintagmática, mas relacionam blocos

<sup>22</sup> Veja exemplo em <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/11/11/internacional/1100171883.html>. Edição da manhã de 12/11/04.

claramente secundários diante da notícia. A multilinearidade própria ao hipertexto é orientada, assim como se faz com o sentido. A webnotícia dirige o percurso. É explícita a hierarquia, o que parece dizer ao internauta qual o percurso mais correto para a compreensão daquela notícia.

Desejamos que esse esforço de análise nos possa trazer algumas luzes sobre o conceito de ‘narrativa’, senão que, pelo menos, seja feliz em abrir um espaço de debate.

## 9 Bibliografia

- CHARAUDEAU, Patrick. (1995) *Une analyse sémiolinguistique du discours*. In: Langages, Paris Larousse.
- CHARAUDEAU, Patrick. (1997) *Les conditions d'une typologie des genres télévisuels d'information*, Réseaux, n° 81, CNET, disponível em [www.enssib.fr/autres-sites/reseaux-cnet/81/05-chara.pdf](http://www.enssib.fr/autres-sites/reseaux-cnet/81/05-chara.pdf) [consultado a 05 de janeiro de 2008].
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (2004) *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação de Tradução Fabiana Komesu, São Paulo, Contexto.
- DÍAZ NOCI, J. y SALAVERRÍA, R. (2003) *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Barcelona, Ariel.
- ENGBRETSSEN, M. *Hypernews and Coherence*, disponível em <http://journals.tdl.org/jodi/article/view/jodi-26/27> [consultado em 05 de janeiro de 2008]
- GOMIS, L. (2008) *Teoría de los géneros periodísticos*. Barcelona, UOC Press.

- LANDOW, G. (1995) *Hipertexto. La convergência de la teoria crítica contemporânea y la tecnología*. Barcelona, Paidós.
- LEÃO, Lúcia. (2001) *O labirinto da hiper-mídia*. São Paulo: Iluminuras.
- MACHADO, E. (2000) *La estructura de la noticia en las redes digitales (Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo)*. Tesis Doctoral na Universidad Autónoma de Barcelona, Facultad de Ciencias de la Comunicación, Departamento de Periodismo . Barcelona.
- MANOVICH, Lev. (2001) *The language of new media*. London, The MIT Press Cambridge, Massachusetts.
- McADAMS, M. (2002) Texts for teaching online journalism. In: *Online Journalism Review*, setembro.
- MIELNICZUK, L. (2003) *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. (Tese de doutorado). FA-COM/UFBA, Salvador.
- MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Michaelis, disponível em <http://www2.uol.com.br/michaelis/> [consultado a 05 de janeiro de 2008].
- RICH, C. (2008) *Writing and Reporting news: a coaching method*, disponível em [http://www.wadsworth.com/communication\\_d/templates/student\\_resources/0534562787\\_rich/authors\\_website/index.html](http://www.wadsworth.com/communication_d/templates/student_resources/0534562787_rich/authors_website/index.html) [consultado a 05 de janeiro de 2008].
- RICOEUR, Paul.(1994) *Tempo e Narrativa (tomo 1)*. Trad. Constança Marcondes César, Campinas-SP, Papirus.
- \_\_\_\_\_. (1995) *Tempo e Narrativa (tomo 2)*. Trad. Marina Appenzeller, Campinas-SP, Papirus.
- \_\_\_\_\_. (1997) *Tempo e Narrativa (tomo 3)*. Trad. Roberto Leal Ferreira; revisão técnica Maria da penha Villela-Petit, Campinas-SP, Papirus.
- SEIXAS, L. (2000) *Os atos verbais jornalísticos. Um estudo dos 'fazeres' jornalísticos por editoriais de política*. Dissertação submetida em satisfação parcial dos requisitos ao grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador.